

OS PECADOS DE WEST HEART




intrínseca

DANN
MCDORMAN

**OS
PEÇADOS DE
WEST
HEART**

**DANN
MCDORMAN**

Tradução de Jaime Biaggio



Copyright © 2023 by Dann McDorman
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
West Heart Kill

COPIDESQUE
Angélica Andrade

REVISÃO
Eduardo Carneiro

DIAGRAMAÇÃO
Victor Gerhardt | CALLIOPE

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Justin Metz

DESIGN DE CAPA
Oliver Munday

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Lazaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M144p

McDorman, Dann

Os pecados de West Heart / Dann McDorman ; tradução Jaime Biaggio. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.

Tradução de: West heart kill
ISBN 978-85-510-0923-9

Romance policial americano. I. Biaggio, Jaime. II. Título.

23-86332

CDD: 813

CDU: 82-312.4(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Caroline

*O cadáver que plantaste ano passado em teu jardim
já começou a brotar?*

QUINTA-FEIRA

Esta história de mistério e assassinato, como todas as outras do tipo, se inicia com a evocação do que o leitor entende por *atmosfera*, ou seja, a acumulação de pequenos detalhes escolhidos a dedo, para criar uma mitologia compartilhada de clima, tempo e espaço — importante: não tudo de uma vez. O autor de livros de mistério, como todos os demais, precisa ser sovina, ceder as informações pedacinho por pedacinho, pois todo romance é um quebra-cabeça e todo leitor, um detetive.

Nem todos os livros de mistério começam com o protagonista, mas este sim. Ele está no banco do carona de um carro em movimento — essas frases iniciais não revelam o ano, o modelo ou a marca, pois seria simples demais, mas você vê o protagonista inserir um cartucho do álbum *Wings at the Speed of Sound* no painel. A música “Let ‘Em In” estoura. O protagonista fuma algo, um baseado, e o passa a um novo personagem, o motorista, cuja presença havia ficado sugerida no início deste parágrafo sem ser explicitamente anunciada... Os dois homens — sim, são homens — se vestem de modo semelhante, com roupas de uma época que não é a sua, mas que você reconhece do cinema e da TV; as pistas se acumulam...

E agora um momento crucial, os primeiros diálogos:

— O que se caça nesse tal clube de caça?

— Cervos, basicamente. Faisões. De vez em quando um urso.

— E gente?

— Só uns aos outros.

Eles riem, e você se anima; pensa, talvez, na trama de *Zaroff: O jogo mais perigoso*, em que um rico excêntrico atrai homens ingênuos à ilha dele para caçar por esporte... Será que vai ser *este* tipo de história, então? Mas preste atenção, eles estão falando de novo:

— Minha família é uma das mais pobres. A verdade é que só nos deixam ficar porque somos descendentes dos fundadores.

— São quantas famílias?

— Talvez umas trinta e poucas? Ou mais. Cada uma tem a própria cabana, todas espalhadas pela propriedade. De poucos em poucos anos, sai um membro e entra um novo. As mensalidades são salgadas.

— E esse dinheiro todo dá direito a quê?

— Áreas de caça. Um lago cheio de peixes e canoas. À sede do clube. Grandes refeições nos dias de festa.

— Como essa.

— Isso, com os fogos de artifício do 4 de Julho. Mas também Memorial Day... Dia do Trabalho... Ano-Novo. Na verdade, vale qualquer desculpa para encher a cara e ficar babando pela esposa dos outros.

— Existem jeitos menos caros de comer alguém.

— Essa gente tem dinheiro para torrar. Ou tinha. Mas pagam mesmo é pela distância. Pela privacidade. Quilômetros e quilômetros de trilhas desertas. Túmulos para enterrar seus segredos.

— Vão se incomodar por você ter convidado um coitado como eu?

— Não, vão encarar você como um brinquedo novo, para jogar de um lado para outro e depois falar sobre isso de um jeito desdenhoso enquanto bebem.

— Parece maravilhoso.

— Vale a pena, só para escapar da cidade. Está toda caindo aos pedaços. E o calor lá anda infernal agora. Além disso, você disse que estava sem trabalho.

— Peguei um caso, na verdade.

— O que é?

— Nada de interessante. Não é na cidade.

— Tudo bem, não precisa me contar. Enfim, acho que as mulheres vão gostar de você...

O baseado já virou um cotoco; uma viatura policial passa e os olhos dos dois se voltam apreensivos para o espelho retrovisor — que merda, será que ele os viu, será que vai dar meia-volta com luzes e sirene a toda...? E só agora as pistas do diálogo começam a se encaixar; você tem certeza de que, mesmo sem qualquer indicação de uma direção específica por enquanto, o protagonista é o estranho convidado para o fim de semana, ao passo que o motorista seria quem está despejando a conta-gotas todos os detalhes meticulosamente sugestivos sobre o clube de caça. Você agora está ciente da data, talvez da década também; do status socioeconômico desse clube de caça; e, em alguma medida, do caráter moral de seus membros. As insinuações sobre sexo não te abalam, você não é careta, ainda que não seja exatamente o que busca em livros assim; inclusive, você espera que este não seja um daqueles livros em que o autor adorna ou esconde a trama por trás de sexo, violência e pegadinhas. Escritores de verdade, aqueles em que se confia e aos quais sempre se retorna, não precisam de truques baratos como esses.

A viatura passa por eles e continua até sumir de vista, e os dois relaxam. Ligam o rádio, que transmite um boletim meteorológico agourento, e a conversa se volta para assuntos com que não é necessário se ocupar aqui: velhos amigos, política, cinema, música... Dá para ver que se conheciam muito bem, há muito tempo, mas não têm se falado nos últimos anos, e você questiona o porquê de estarem retomando o contato agora. Sente até que isso também pode ser parte do mistério.

Mas você pensa sobre aquela palavra que apareceu: *caso*. Seria nosso protagonista um detetive particular, então? Você sente que o livro se acomoda na fórmula confortável de seu gênero. Óbvio que há um detetive, *tem que haver* um detetive. Tudo bem. Você tem uma ideia de como a trama vai se desenrolar, prevê as pistas falsas e os becos sem saída, os artifícios que o autor vai ter que usar para tentar ocultar a verdade bem diante dos olhos do público, como uma carta sobre uma lareira; só espera que as regras do gênero sejam seguidas, pois não há fraude maior que um livro de mistério que trapaceia.

Mais adiante voltaremos às regras; por enquanto, o carro segue ruidosamente pela estrada de cascalho que os dois homens pegaram ao sair da rodovia principal, que deve levar ao clube de caça

e — segundo o que se prevê — à morte... Há placas alaranjadas de PROPRIEDADE PRIVADA presas às árvores pelo caminho, todas com o nome do clube — West Heart — e seu brasão: dois rifles cruzados e uma cabeça de urso na frente, num efeito semelhante, é impossível não notar, ao de uma caveira e ossos.

Após um longo caminho pela estrada, depois de cruzarem uma velha ponte de madeira sobre um pequeno riacho, os dois começam a passar por... o motorista havia usado o termo *cabanas*, mas na verdade são casas grandes e bem projetadas: sem dúvida, a segunda residência dos respectivos donos, isso se não forem a terceira ou a quarta — são ricos da cidade grande brincando de pobres no campo. Um lago resplandece em meio às árvores, e os dois homens avistam crianças brincando na água e mulheres reluzentes de óleo, com óculos de sol estilosos, esparramadas na areia da praia... eles finalmente chegam à sede do clube West Heart.

— Não esperava que fosse tão grande.

— Acho que são uns cinquenta quartos. Poderia dar um bom hotel, caso o lugar entre em decadência algum dia.

— Alguma chance de isso acontecer?

Nota-se com interesse e atenção o outro replicar com um dar de ombros que não é uma resposta... seu olhar treinado acompanha os olhos do protagonista enquanto estuda a sede do clube, um monumento de madeira e pedra de três andares pensado para evocar as hospedarias célebres de um tempo passado, com um enorme alpendre ao redor de todo o edifício, cingido por troncos robustos e decorado com bandeirolas para as festividades do fim de semana. Ao entrar e vagar pelo interior labiríntico de painéis de madeira e cantos escuros, ele vai descobrir um andar principal que abriga o salão de jantar, a cozinha e a sala de estar, com uma lareira enorme — que, de acordo com os boatos, é alimentada pelo zelador de forma a permanecer acesa quase ininterruptamente de novembro a março. No segundo andar ficam a biblioteca, a sala de leitura e vários quartos de hóspedes; há muitos outros ocupando o terceiro andar inteiro. O porão é usado para armazenamento, embora também abrigue a adega do clube — um detalhe, é de se imaginar, sem dúvida concebido para remeter a “O barril de amontillado”, de Poe.

Tudo isso, entretanto, nosso protagonista vai descobrir só mais tarde. Agora, está em andamento a “Rodada das Seis”, cujo nome faz referência à hora em que os membros do clube aparecem para os primeiros drinques do dia, pelo menos oficialmente; todo mundo conhece as piadas sobre certos membros que adoram suas “Rodadas das Cinco” particulares, ou até mesmo “Rodadas do Meio-Dia”. Há cerca de dez pessoas no alpendre, todas com um copo na mão e um cigarro na outra, compartilhando histórias, fazendo pouco-caso das trágicas e assentindo respeitadas perante as cômicas. Os diálogos que se seguem incluem referências a Gerald Ford, plantação de amendoim, OLP, o Concorde e o preço salgado dos fogos de artifício durante este ano do Bicentenário — todos aqueles componentes crus de verossimilhança a sustentar um mundo de mentirinha no qual personagens vão encenar pantomimas de morte para fins de entretenimento. Não se faz o menor esforço de contextualização, pelo menos não por enquanto, e os fragmentos confusos de conversas que se consegue capturar de orelhada parecem pensados para te manter na corda bamba, conjecturando, tateando por uma sala cujas luzes ainda não foram acesas...

Ainda quer caçar amanhã?

Ele está aqui?

Quantos hectares vão derrubar?

Viu ela hoje de manhã no café?

Que horas? Comprei um rifle novo.

Quem?

Ouvi tudo do lado de lá do penhasco.

Ela estava com uma cara horrível.

Seis?

O candidato...

Deve ser uns quatrocentos hectares.

A Julia viu ela nadar pelada no lago na semana passada.

Melhor às sete. Talvez acabe tarde.

Honestamente? Não gosto dele.

É uma pena. Nós já vendemos direitos de exploração madeireira antes?

Acho que ela está acabada, coitada.

Será que devíamos convidar mais gente?

*Eu também não. Ele não... se encaixa em West Heart, sabe?
Já faz décadas, acredito. É um desespero.
Importante manter as aparências, pelo menos.
Vou perguntar para o Ramsey e o Duncan.
O John só quer ele por causa do dinheiro.
É inapropriado.
Imagina o armário de remédios dela. Deve parecer uma farmácia.
O Otto não?
Duvido que um homem possa “salvar o clube”, se é o que ele está pensando.
E também, árvore cresce de novo. Melhor do que vender a propriedade.
Acho que o Duncan deveria fazer algo por ela, mas a verdade é que ele tentou.
A caminhada é pesada para ele, com aquela perna.
Lógico, há quem ache que não vale a pena salvar.
Talvez a gente também precise fazer isso, antes do fim.
Todos tentamos, não tentamos...?*

Então acontecem as apresentações, momento em que você fica sabendo, finalmente, que o nome do seu protagonista é Adam McAnnis e o nome do motorista, James Blake, depois se desenrolam vários parágrafos cujo propósito é apresentar a você o elenco principal, personagens com nomes que também ajudem a evocar a *mise-en-scène* anglo-saxã de classe alta, nomes com que você talvez se deparasse durante uma caminhada melancólica na chuva por um cemitério esquecido da Nova Inglaterra... Mayer, Garmond, Caldwell, Burr, Talbot, cada um representado por alguma característica física para ajudá-los a diferenciá-los: a mulher com a cicatriz na têmpora que tenta escondê-la com o cabelo, o homem com papada e rosto amarelado, o rapaz que manca, a mulher com uma mecha branca no cabelo escuro. Você sabe, lógico, que cada descrição traz no bojo uma pergunta. Como ela obteve a cicatriz? Será que ele tem icterícia porque bebe demais? Que acidente ou ferimento o deixou mancando, e será que ele ainda é tomado por arrependimento só de pensar? Que tragédia ou momento de pavor a teria chocado a ponto de fazer aquela mecha ficar branca?

Você está alerta: especialista que é em tramas de assassinato, sabe que um desses personagens novos provavelmente vai ser o assassino

MEREDITH BLAKE.

JAMES BLAKE. Filho. Amigo de faculdade de Adam McAnnis.

EMMA BLAKE. Filha. Recém-formada na faculdade.

DR. THEODORE BLAKE. Falecido. Pai de Roger Blake.

██████████.

Família Burr

WARREN BURR. ██████████.

SUSAN BURR. ██████████.

RALPH WAKEFIELD. Sobrinho.

Família Talbot

REGINALD TALBOT. Tesoureiro do clube West Heart. Irmão de Jane Garmond. ██████████.

JULIA TALBOT. Grávida.

Família Caldwell

ALEX CALDWELL. Viúvo.

AMANDA CALDWELL. Falecida. ██████████.

TRIP CALDWELL. Filho. Falecido. Morto em ██████████.

ADAM McANNIS. Amigo de faculdade de James Blake. Detetive particular contratado por ██████████.

JONATHAN GOLD. Candidato a membro do West Heart. ██████████.

FRED SHIFLETT. Zelador do West Heart.

×

Você revisa com cuidado essa lista de nomes e então se dá conta de que McAnnis escapuliu para explorar a sede, vazia a não ser pelo

barulho de pratos e pelo tagarelar dos funcionários na cozinha. Ele leva consigo um copo semivazio como pretexto, só para constar, um símbolo externo de pertencimento cuja casualidade não denota nada de estranho, nada além de um homem se afastando distraído de uma festa, nada de um detetive profissional à procura de algo... E é neste momento de paz que as frases finalmente se desenrolam para descrever tal protagonista: McAnnis tem trinta e cinco anos, mas parece mais velho, e um cabelo preto revoltado, com cachos que descem até bem abaixo das orelhas. O bigode escuro confere ao rosto um aspecto que ele acha levemente sombrio, útil em algumas ocasiões e um problema em outras. Os pés de galinha se cravaram no canto dos olhos dele, linhas decorrentes não de sorrisos, mas do ceticismo, o esgar furtivo habitual de um homem escaldado por traições. Seus olhos são azul-claros — “são os olhos da minha mãe”, confia ele, vez ou outra, a mulheres que façam algum comentário a respeito —, e são eles que entregam o jogo: tristes, desconfiados e feridos, o olhar de alguém que nos encara quando estamos obviamente mentindo, resultando em constrangimento e decepção para todos. O nariz é um pouco torto devido a um soco anos antes, que McAnnis sabe que deveria ter previsto. Nas costas da mão esquerda há a cicatriz redonda, branca e enrugada de um charuto apagado em sua pele: um lembrete de más escolhas e riscos que não valiam a pena — como se ele precisasse de algum.

McAnnis ainda encara ternos como um mal necessário à função, e que não se entenda como um daqueles ternos safári: um terno de verdade, barato e gasto que seja, geralmente basta para abrir portas ou fazer as pessoas falarem, em especial quando ele abre a carteira e exhibe um distintivo cuja autenticidade não pareceria suspeita a inspeções menos rigorosas. McAnnis deixa as gravatas frouxas; nas noites em que se lembra de tirar a roupa para dormir, arranca a camisa com a gravata junto.

Para esta viagem, optou por um terno marrom com camisa amarela e gravata laranja e vermelho-tomate; depois de algumas horas no carro, já ficou nítido que, ao contrário do que alegava a loja, o modelito não é *inamassável*.

McAnnis subiu as escadas até o segundo andar. A luz fraca do fim de tarde deixa a biblioteca na penumbra. Numa plaquinha de bronze próxima à porta está escrito: *Em agradecimento ao dr. e à sra. Blake pela doação de sua coleção particular. Dezembro de 1929.* Caridade para fins de abatimento no imposto de renda, você imagina ser o que McAnnis está pensando. Depois da quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. A maior parte da biblioteca consiste em volumes encadernados em couro. Uma prateleira inteira é dedicada à caça e à pesca. Outra está aparentemente abarrotada de arquivos do West Heart, incluindo décadas de informativos do clube, impressos e encadernados. Em uma das paredes, não há prateleiras, mas, sim, duas enormes cabeças de cervo empalhadas, cercadas por mais de vinte placas de bronze com os nomes dos presidentes do clube e os períodos em que exerceram os respectivos mandatos, todos de cinco anos. McAnnis os estuda cuidadosamente quando é interrompido por um membro do clube. É Reginald Talbot, o tesoureiro. Um homem baixinho e inquieto, de óculos, com entradas no cabelo e, como McAnnis descobre, o hábito de piscar quase sem parar.

— Olá... você é aquele detetive, não é? McAdams.

— McAnnis. Adam McAnnis.

— Claro. Ouvi parte da sua conversa com James. Está procurando o Necessário?

— O quê?

— O banheiro, desculpe. É o termo que se usa aqui.

— Engraçado. Não, só estava dando uma olhada.

— Não para investigar algo, certo? — pergunta Reginald Talbot, com um olhar de inquietação.

— Não, de jeito nenhum. Se eu tivesse relógio de ponto, já teria batido.

— Talvez não esteja à procura de crimes, mas vai saber se os crimes não estão à sua procura? É como parece acontecer em todos os romances de mistério. Detetives de férias e, de repente, um hóspede do hotel desaparece — diz Reginald Talbot.

— Ou morre, em geral. Mas não, não costumo tropeçar em corpos nas horas vagas. Neste momento, só queria mesmo mais uma dose.

Ele ergue o copo.

— Com certeza podemos ajudar com isso.

— Apesar de que fiquei curioso... — acrescenta McAnnis.

— Sim?

— Todos os presidentes do clube constam nestas placas?

— Acredito que sim, por quê?

— Queria entender o que aconteceu com os anos 1930.

— Como assim?

— Todas essas placas cobrem períodos de cinco anos. Mas está faltando o que vai de 1935 a 1940. Temos Horace Burr, que foi presidente entre 1930 e 1935, mas depois pula para Russell Caldwell, de 1940 a 1945.

Reginald Talbot se aproxima da parede.

— É verdade. Estranho.

— Alguma explicação?

— Não faço ideia. Pode perguntar para algum dos veteranos, caso esteja mesmo tão interessado. Embora eu não entenda por que estaria.

— Não estou. É só costume.

— Detetives detectam.

— Alguma coisa assim.

— Bom. Vamos encher seu copo, então. Afinal — Reginald Talbot caminha na direção da porta matreiramente, fingindo não estar nem aí, como um ator inexperiente exagerando na interpretação —, não podemos permitir que estranhos circulem por aqui desacompanhados e exponham todos os nossos segredos.

×

No alpendre, a Rodada das Seis segue de vento em popa, as línguas já soltas pelo primeiro, segundo ou terceiro drinque da noite. McAnnis beberica mais uma dose de Pimm's, estuda os convivas e tenta ligar as pessoas aos nomes no dossiê sobre o clube que preparara para si, cuja pasta encontra-se escondida sob calções de banho em sua pequena mala de mão.

Os convivas vestem o marrom, o laranja, o amarelo e o azul-claro da época, uma estética coletiva que o autor obviamente acredita

ser mais bem descrita por meio de nomes próprios e símbolos de marcas registradas: calças Acrilan® Wear-Dated® com tecnologia Sansabelt®, suéteres leves de fibra acrílica Orlon®, jeans de poliéster Fortrel®, calças de malha dupla PERMA-PREST® feitas com algodão e poliéster Dacron® e forro Ban-Rol® na cintura, calças de poliéster Trevira® e Kodel®, camisas polo Ban-Lon®, pulôveres de algodão mercerizado Durene®, camisas de botão de tricô Ultriana®, camisas estampadas de manga curta de triacetato Arnel®, saias de náilon Avril®, tops de malha dupla Nyesta® feitos com náilon Antron®, blusas de seda Qiana®, meias SANI-GARD®, sapatos de sola de borracha termoplástica Kraton® com salto anabela e bico de couro sintético Porvair® imitando pele de crocodilo...

A maioria dos homens usa variações das camisas polo Izod Lacoste ou Brooks Brothers, embora uns poucos adotem o estilo neolibertino e tentem parecer à vontade em suas camisas justas generosamente coloridas, estampadas e desabotoadas em maior ou menor grau. As gerações mais velhas suam em paletós esporte Bill Blass em tons de rosa ou amarelo-canário e calças quadriculadas justas demais para o volume acumulado na cintura.

As mulheres, como seria de se esperar, ousam mais, com blusas de mangas soltas, vestidos compridos e modelitos sem manga da Lilly Pulitzer; vestidos de botão Austin Hill com lenços de seda combinando; camisas floridas da Skyr em tons de laranja, calças Meadowbank, pulôveres Herman Geist e calças pantacourt da Gordon of Philadelphia... e só agora, vasculhando essas marcas de outra época, você percebe sua aflição com a ausência de mulheres nesta história de mistério até aqui — curioso, uma vez que mulheres quase sempre são as vítimas, as assassinas ou a motivação do crime. Até mesmo para o misógino Sherlock Holmes, o valor de Irene Adler, que aparece em um único conto, se revelou inestimável ao longo dos anos: *a mulher*, de acordo com a tradição holmesiana, que dá alguma cor às bochechas de um cânone de resto sexualmente descolorido. Assim, você fica contente ao ver Adam McAnnis conversando com Jane Garmond, cujo cabelo louro no estilo do filme *Klute: O Passado Condena* esconde parte da cicatriz

na têmpera. É uma mulher atraente, cerca de dez anos mais velha que McAnnis, de olhos cor de mel e pele clara, com um vestido envelope verde Diane von Furstenberg. Ela tem o que escritores costumam descrever como um *toque de tristeza* ao redor da boca, e   o tipo de mulher que, nos séculos passados, teria um diário com poemas escritos durante toda a vida sem que ninguém soubesse, ou um maço de cartas desbotadas perfumado de um malfadado amor falecido décadas antes, itens que a família descobriria apenas depois que ela morresse.

— Seu marido é o John. O presidente do clube — diz McAnnis.

— Isso.

— Isso faria da senhora a primeira-dama?

Jane Garmond balança a cabeça.

— De forma alguma. Essa função é mais um aborrecimento do que qualquer outra coisa. Burocracia. Verdade seja dita,   só algo passado de família para família. Passar a concha ao redor da fogueira.

— *O Senhor das Moscas*, certo?

— Muito bom. Enfim, não é nada muito especial. Existem ex-presidentes aos montes por aí.

— Quem, por exemplo?

— O dr. Blake foi um deles. Duncan Mayer também.

— E a senhora? Entrou no clube por causa do marido?

Jane Garmond d  um gole lento e meticuloso em sua bebida. Os cubos de gelo em seu vinho branco tilintam no copo.

— O senhor sempre interroga seus anfitriões? — pergunta.

—   só uma conversa — protesta McAnnis.

—   brincadeira. Não, não entrei por causa do meu marido. Sou do clube desde sempre. Desde que nasci. Meu nome de solteira   Talbot. Reg Talbot   meu irmão.

— Acabei de conhecer ele na biblioteca.

— Sim, eu vi vocês dois saindo de l . Então, estou aqui desde sempre. Conheço algumas destas pessoas desde que  ramos crianças. Pass vamos os verões aqui durante a adolescência.

McAnnis se cala. Você reconhece a técnica; como qualquer interrogador que se preze, ele sabe que o silêncio incentiva o interlocutor

a preenchê-lo. Os suspeitos ficam loucos para atenuar qualquer clima estranho, em especial quando a culpa os deixa desconfortáveis, achando que assim vão parecer mais tranquilos e inocentes, quando na verdade é o contrário. Querer agradecer é uma triste vulnerabilidade da natureza humana, e algo que qualquer detetive ou vigarista consegue usar em favor próprio.

— Foi assim que ganhei essa cicatriz — diz Jane Garmond, tocando a testa. — Tomei uma estilingada de Duncan Mayer. Sangrou à beça.

— Deus do céu. Espero que ele tenha levado uma bronca.

— Se você conhecesse o pai dele, não diria isso. Dava para ouvir lá do lago os gritos do Duncan sendo açoitado.

McAnnis tenta pressioná-la para obter mais informações, mas de repente chegam outras pessoas — Meredith Blake e Claudia Mayer, a da mecha no cabelo, além de dois homens mais jovens, o filho de Claudia, Otto Mayer (o que manca), e o filho de Jane, Ramsey Garmond.

Enquanto se esquivava de perguntas jogando conversa fora educadamente, McAnnis examina em silêncio os novos conhecidos, tentando colorir um pouco os fatos chatos e sem vida do dossiê sobre o clube. Reunira as datas e os detalhes a partir de certidões de nascimento, boletins escolares e, no caso de Ramsey, uma ficha policial inocente com um item, uma brincadeira de mau gosto de alunos de uma universidade de elite que terminara mal e fora cair no colo de um mau juiz, ou talvez de um bom juiz que acordara de mau humor. Otto Mayer tem cabelo preto e é alto, mas desajeitado; os ombros parecem desalinhados, como se a perna ruim tivesse contorcido seu tronco. Ramsey Garmond é o oposto: louro e de olhos azul-acinzentados, bonito e atlético — provavelmente era da equipe de remo, pensa McAnnis —, e, ao apertar a mão do detetive dá-lhe um tapinha no ombro como se fossem velhos amigos. O sorriso tranquilo é o de um rapaz certo de que o futuro só lhe reserva bons momentos.

McAnnis se lembra de ter visto na ficha que a diferença de idade entre Otto e Ramsey é de poucos meses. Devem ter crescido juntos naquele lugar: verões, fins de semana, férias. Compartilham

a serenidade de irmãos ou pelo menos amigos de uma vida inteira, mas para McAnnis parecem dois lados de um cara ou coroa fatídico.

— ... detetive? — pergunta Ramsey Garmond.

— Oi?

— E então?

McAnnis se dá conta de ter deixado algo passar.

— Desculpe. Qual era a pergunta?

— Como é ser detetive?

— Não é que nem no cinema — responde McAnnis.

— É mais emocionante do que direito tributário — observa Ramsey Garmond.

— Depende da tributação — retruca McAnnis.

— Ramsey trabalha com o pai dele — comenta Jane Garmond.
— John. Vai por mim, não é nada emocionante.

— Não esconde o jogo. Conta uma história de detetive, vai — diz Otto Mayer.

McAnnis suspira. Grande parte do trabalho que faz consiste em tragédias mundanas: infidelidades, fraudes e gente desaparecida (além de, em um período de vacas particularmente magras, um gato desaparecido). De vez em quando, porém, é mais interessante. Certa vez, um pai perguntou se McAnnis poderia “trabalhar com seus contatos no governo” para providenciar o retorno do filho de Vancouver, depois que o rapaz queimou a convocação para o Exército ao vivo no noticiário local. Numa outra ocasião, uma mulher quis saber quanto McAnnis cobraria para matar o marido dela. No ano anterior, um rapaz triste havia lhe pedido que localizasse a mãe biológica.

Veza ou outra, McAnnis era visitado por representantes de seguradoras, caso estivessem no aperto. Não gostavam de chegar a tanto. Pareciam achar que estavam se rebaixando. Lembra-se de um agente em sua sala olhando para os lados com cara de nojo e segurando o cartão que ele lhe dera com a ponta do polegar e do indicador como se fosse algo contagioso.

— É um caso de incêndio, sr. McAnnis. Uma loja de departamentos pequena. Um negócio familiar.

— Acidental, mas vocês suspeitam que tenha sido criminoso.

— Lógico.

— Por quê?

— Porque sempre é criminoso — respondeu o agente.

Às vezes, McAnnis fazia também bicos corporativos disfarçados de assuntos pessoais: um homem com jeito de advogado e de terno bem cortado o contratara para descobrir provas da infidelidade de outro homem.

— Sua esposa?

— Lógico que não.

— Então por que a preocupação? — perguntou McAnnis.

— Não tem preocupação nenhuma. Mas nós queremos ter alguma segurança.

— Nós quem?

O outro não respondeu. McAnnis, contudo, descobriu que o infiel era um executivo de primeiro escalão de um grande banco envolvido em uma aquisição complexa e custosa. O sujeito era burro e indiscreto. McAnnis conseguiu as fotos comprometedoras que o advogado queria. A aquisição acabou não acontecendo, como ele viria a ler posteriormente nos jornais.

Também apareciam problemas do tipo mais pessoal e incontrolável possível: um pai quis que McAnnis livrasse o filho da heroína.

— Não está bem no meu escopo de trabalho. Você precisa de um médico. Ou de um terapeuta. Talvez de um padre — dissera McAnnis.

— Vou arranjar, mas antes preciso cortar o suprimento. Meu filho tem um amigo... uma má influência. É o fornecedor. O traficante.

McAnnis já sabia onde aquilo iria dar.

— E você quer que eu faça o quê?

— Quero que você tente persuadir esse amigo de que meu filho não vale o esforço.

Aquela palavra — *persuadir*. Uma palavra tão flexível. Tantas camadas de significados, tantas possibilidades de negação. McAnnis sabia o que significava. Um soco-ínglês, um cassetete de couro pesado. A tocaia à sombra de uma porta de bar ou restaurante, esperando o alvo sair: um golpe rápido e certo, um joelho esmagado, a

promessa em tom de súplica do alvo de que faria qualquer coisa que lhe pedissem. McAnnis recebia tais ofertas de trabalho sujo com frequência, mas nunca havia aceitado. Aquele pai, no entanto, parecia tão desesperado e melancólico que McAnnis cedeu e disse que “averiguaria”. No fim das contas, o traficante era o filho, não o amigo.

Dá para entender a relutância de McAnnis em compartilhar tais estudos de caso; seus detetives favoritos são criaturas taciturnas, de poucas palavras, discretas e pagas para tal, inescrutáveis. Entretanto, você sabe que seria contraproducente para ele frustrar pessoas que lhe poderiam ser úteis. McAnnis precisa que falem, e às vezes isso implica também falar. Assim, todo detetive precisa ter uma história para saciar o apetite dos curiosos. Não precisa ser verdadeira, mas tem que parecer, e tem que incluir elementos que ajudem na investigação subsequente e nos interrogatórios de quem vier a ouvi-la. A seguir, portanto, está a história que McAnnis conta ao grupo, cujo título sempre imaginou como:

O caso do culto

Aquele caso foi tenebroso. Os pais o contrataram para localizar e resgatar a filha deles de um culto na Califórnia. Semanas de tocaia e trabalho à paisana. Revolucionários estocando rifles em porões. Crianças injetando heroína no parque. O guru atendia pelo nome de Ayuva Daeva, mas seu nome verdadeiro era David Sherwin. Ele era de Manhattan, e aquela, sua segunda tentativa de criar uma religião; a primeira, McAnnis conseguira verificar, fora dissolvida após o guru ter sido acusado de passar cheques sem fundos. A filha dos contratantes havia sido amiga de Angela Atwood, conhecida como “General Celina”, a “voz” do Exército Simbionês de Libertação, que morreu queimada quando o esconderijo da organização em Los Angeles pegou fogo durante um tiroteio com a polícia em 17 de maio de 1974. *Poderia ser pior*, quis dizer McAnnis aos pais da moça — embora não o tenha feito — ao encontrá-la. O guru estava embolsando os cheques e outros mimos enviados à Califórnia por pais amorosos e preocupados da Costa Leste, supostamente para

bancar a liberação de todos do sofrimento causado por aquela realidade ilusória. Na verdade, caía tudo numa conta bancária no nome de David Sherwin. Haxixe, LSD e heroína obrigavam as moças a continuar colaborando. McAnnis já havia trabalhado anteriormente em um caso envolvendo um culto, e sabia que palavras não funcionavam. O que funcionava era sequestro. Ele a capturara na rua em plena luz do dia — estava acompanhada de apenas uma outra devota de Ayuva Daeva, voltando do mercado com sacolas de papel nas mãos. Ele a jogara dentro do carro que alugara, algemada — *Porco! Fascista!*, gritava a garota, apesar de McAnnis ter bigode e um cabelo mais para comprido, *Filho da puta escroto de merda!* —, e levou-a ao bangalô alugado nas colinas onde os pais aguardavam ansiosos. Lá, tudo degringolou, pois, em vez do exímio psicólogo desprogramador de seitas que estaria no local, segundo lhe haviam dito, o pai médico simplesmente enfiou uma agulha no braço da garota e mandou interná-la numa instituição em Napa. Até onde McAnnis saiba, ela continua lá. Antes de sair com o carro, levantando cascalho e poeira, o pai apenas dissera: *Me manda a nota fiscal.*

×

— Que horrível! — exclama Claudia Mayer, o desalento a perpassar seu rosto pálido.

Ela tem sobrancelhas delicadamente arqueadas e maçãs do rosto salientes, e parece não ficar à vontade com os outros, observa McAnnis, insegura como uma atriz empurrada para o palco de uma peça cujo texto não decorou.

— O que você fez depois? — pergunta Otto Mayer.

— Depositei o cheque na minha conta.

— Não tentou ajudar a moça? — indaga Jane Garmond.

— O que eu poderia fazer? Os pais eram os guardiões legais. Ela era viciada em drogas e membra de uma seita. Os tribunais gostam de despachar essas meninas bonitas, tentar restaurar a virgindade delas. Metaforicamente.

— Você deveria ter tentado ajudar — opina Claudia Mayer, calma.

— Eu faço o que posso. Como é aquela frase? “Por essas ruas sórdidas deve caminhar um homem que não é sórdido.”

— O que é isso?

— Raymond Chandler. Sobre o detetive particular ter que ser um homem honrado. Claro, ele mesmo nunca foi detetive. Dashiell Hammett foi, e tinha umas ideias diferentes.

— Fiquei muito feliz por você ter vindo com o James — diz Meredith Blake, com a serenidade de uma anfitriã hábil em redirecionar conversas. Aos outros, ela pergunta: — Não víamos o Adam fazia... dez anos?

— Mais.

— E o que levou vocês dois a se aproximarem?

Meredith Blake abre um sorriso, gentil mas astuto: tem um rosto de vovó com olhos de advogado, a possível aparência de Lady Macbeth, pensa McAnnis, caso ela e o marido tivessem sobrevivido ao feitiço da ambição. O cabelo louro-acinzentado está preso em um coque, e a mulher usa um vestido florido cuja melhor descrição é “prudente”. McAnnis se lembra muito bem dela dos fins de semana em que ele e James pegavam um táxi para o amplo apartamento dos Blake nos East Sixties — região jocosamente apelidada pelo pai do amigo de “terra abençoada por Deus” —, levando a tiracolo a roupa suja e a expectativa de uma refeição caseira. Certa vez, numa recepção para celebrar a promoção do dr. Blake a chefe de departamento, McAnnis ficara observando-a circular pela biblioteca servindo canapés e reabastecendo o copo dos convidados enquanto os analisava em silêncio; sempre a achara a mais inteligente da família — sem dúvida mais do que o marido. McAnnis sabe que a pergunta, na verdade, é outra: *Por que você está aqui?*

— Na verdade, fui eu que procurei o James — diz McAnnis.

— Sim, ele comentou. Só não me contou o motivo.

— Estive com uma pessoa que nós dois conhecíamos.

— Mulher? — pergunta Otto Mayer.

— Um cara que morou com a gente. Ele quis saber como o James estava e percebi que não sabia o que responder. Por isso liguei.

— Como você conseguiu o telefone dele? — pergunta Meredith Blake.

McAnnis sorri.

— Sou detetive.

Ela assente, contrariada.

— Verdade. Bem, o fim de semana vai ser dos melhores. Fogueira, jogo de polo aquático com melancia, brincadeira do ovo, fogos de artifício. É só a tempestade não acabar com a diversão. Adiantamos o cronograma todo em um dia por causa dela.

— Ouvimos alguma coisa no rádio sobre a tempestade. Pelo jeito vai ser forte, não é? Quando começa? — pergunta McAnnis.

— Não vai ser hoje — responde Claudia Mayer.

— Amanhã à noite — emenda Meredith Blake. — Tarde. Depois dos fogos. Pode ser que o clube fique sem luz. Temos geradores, mas as estradas podem ser um problema. São de terra e cascalho, como vocês devem ter notado. Andam falando em pavimentar uma parte, mas o projeto nunca sai do papel. E tem a ponte. É antiga, muito antiga.

— Talvez você fique ilhado aqui — avisa Ramsey Garmond.

— Deus me livre — diz McAnnis, e todos riem.

×

Mais tarde, McAnnis vê Claudia Mayer do lado vazio do alpendre, sob uma bandeira estadunidense da época da Revolução Americana, pendurada ali para a ocasião, e com uma garrafa semivazia de vinho branco em cima de uma mesa próxima. Seu vestido floral lilás saiu de moda há alguns anos. Ele suspeita que a mulher tenha quarenta e muitos anos, talvez um pouco mais, mas o cabelo preto já começou a ficar grisalho ao redor daquela mecha branca. É uma mulher magra. Talvez demais. Quando olha para ele, McAnnis tem a sensação peculiar de que ela espia por trás dos próprios olhos como uma prisioneira agarrada às barras da janela de uma cela de prisão.

— Se importa se eu me sentar com a senhora?

— Nem um pouco — diz Claudia Mayer, apontando com a taça para uma cadeira vazia. — Às vezes eles cansam um pouco, não é?

— Não, tudo bem.

— Você precisa conhecer o grupo melhor. Duncan sempre me faz sentir culpada, e aí acabo vindo a esses encontros.

— As Rodadas das Seis?

No sorriso fugaz que Claudia Mayer abre, McAnnis vislumbra uma mulher diferente, a mulher que ela poderia ter sido ou talvez um dia tenha sido. *O que mudou?*, pensa.

— Inteirado do jargão. Já sabe do Necessário?

— Sei. Felizmente.

— Existe um certo... *vocabulário* aqui em West Heart. Pensado para excluir. Ou talvez não, não sei se a intenção é essa. Mas o efeito acaba sendo. É difícil para quem é de fora entender. Dá para aprender, falar igual em alguns momentos, mas você nunca chega à *fluência*, se é que isso faz sentido. Duncan nasceu falando assim, óbvio.

— O linguajar do dinheiro — comenta McAnnis.

— Talvez. Embora o clube não seja mais o mesmo de antes.

Em vez de responder, McAnnis dá tempo e espaço para ela elaborar mais. Claudia, porém, não fala nada, e então ele diz:

— Desculpe se minha história abalou a senhora.

— Era só uma história?

— No sentido de ser verdade ou não?

— Isso.

— Se sentiria melhor se eu dissesse que não era verdade?

— Não.

— É verdade. Infelizmente.

— É tão fácil trancafiar alguém, se esse for o objetivo — diz Claudia Mayer. — Como o pai da moça fez. É só dizer que é maluca. Um perigo para si mesma. Que é para o próprio bem dela. Essas coisas. Argumentos irrefutáveis, certo? Explorar o desejo alheio de fazer o bem como uma forma de fazer o mal.

— Tento não pensar em termos de bem e mal.

— O que mais existe além disso? — pergunta ela, esvaziando a taça de vinho. — Sr. McAnnis, o senhor não é religioso, é?

— Não muito.

— Eu não tinha fé, passei a ter e depois perdi de novo.

— Perder a fé uma vez é uma tragédia. Duas vezes já parece falta de cuidado.

Claudia Mayer sorri de novo.

— Uma piada.

— É.

— O senhor evita os termos *bem e mal* porque não sabe de qual lado da linha está?

— Que ousadia, sra. Mayer. Acabamos de nos conhecer.

— Perdão.

— Outra piada. Ou uma tentativa. Vou parar.

— Tudo bem. Às vezes me esqueço... de como se deve agir. Tantas regras, tantas expectativas, não é? É difícil de acompanhar. Tão fácil cometer um erro... E os olhares, os cochichos disfarçados... Lá vai ela de novo, dizem. Coitada da Claudia. A coitada da Claudia está falando sozinha outra vez. A coitada da Claudia está pelada no lago outra vez. E essas regras todas evidentemente mudam dependendo da hora, do lugar, das companhias, do tempo, da posição dos astros... Gosta de astrologia, sr. McAnnis?

— Para falar a verdade, não.

— Eu também não, mas às vezes me pego imaginando se existe outra coisa, em algum lugar, que governe nossa condição. Pense na Lua, por exemplo. É um trilhão de toneladas de pedra pendurado lá em cima, pesando sobre nós, ditando o ritmo das marés... Como é que *não* vai nos afetar? Será que impacta nosso sono? Como sangramos? O que mais ela faz e nós ainda não sabemos? — A mulher para abruptamente, notando a expressão atordoada do detetive. — Desculpe. Eu acabo me empolgando.

— Problema nenhum.

— Às vezes esqueço como eu sou — diz Claudia Mayer, distraída. — Que frase curiosa. *Esqueço como eu sou*. Como exatamente a gente esquece como a gente é? O senhor esquece, sr. McAnnis?

— Não tanto quanto gostaria.

A brisa noturna faz as bandeirolas balançarem junto ao parapeito. Este canto do alpendre é agradável, tranquilo. Longe da Rodada das Seis, dá para ouvir os pássaros gorjeando sobre o riacho que

passa ao lado da sede. Os sinos dos ventos que pendem das vigas tilintam suavemente.

— Eu que fiz — comenta Claudia Mayer, acompanhando o olhar do detetive.

— São lindos — diz McAnnis.

— Eu tocava piano. Agora faço sinos dos ventos. Um tubo está em dó. Outro em ré. Tem fá e sol também. Se o vento bate certo, eles quase... *quase* tocam a “Ode à alegria”, de Beethoven. Mas nunca sai perfeito.

— Para mim estão ótimos.

Claudia Mayer se serve de mais vinho.

— Imagino que detetive seja uma ocupação solitária.

— Eu falo com um monte de gente.

— O senhor interroga muita gente. Não é a mesma coisa.

— Não, não é — admite McAnnis.

— O senhor passa muito tempo sozinho nesse trabalho, não passa?

— Passo.

— Sobre o que você pensa, então, durante esses períodos longos de... qual o nome mesmo?

— Tocaias?

— Isso. Tocaias. Para mim, esse tipo de isolamento levaria uma pessoa a pensar, pensar, pensar sem parar... É o que acontece comigo, pelo menos.

— Estar só não significa estar solitário — diz McAnnis.

Claudia Mayer sorri.

— É uma grande verdade. O oposto também é. A vez em que mais me senti solitária foi numa multidão. Por isso é que gosto de vir para cá durante a semana. Dá para caminhar por horas no bosque sem ver ninguém. Uma vez, passei três dias sem dizer uma palavra. Fiquei quase com medo de ter esquecido como falar. Mas na verdade eu gostei. Me senti uma monja, reclusa, estudando algum segredo esotérico.

— Acho que entendo o que a senhora quer dizer. Passei grande parte da vida profissional estudando segredos.

— Os segredos dos outros são fáceis. Difíceis são os nossos — opina Claudia Mayer, encarando-o sem piscar, feito uma criança ou um fanático: o olhar curioso, descarado, de alguém que parece

não perceber a própria inconveniência ou não se importar com isso. McAnnis lhe devolve o olhar fixo, parecendo considerá-lo um teste de fé. — Enfi m. Preciso ir. Estou bem ocupada. Aproveite a estadia aqui em West Heart — diz ela, e então acrescenta de maneira enigmática: — Imagino que você vá ter muito trabalho pela frente.

Claudia Mayer se afasta e McAnnis, na esteira daquela declaração obscura, pensa: *Que mulher estranha*. Contudo, não pode negar que as palavras dela foram certeiras. Quantas vezes já não se pegou tão solitário quanto só, desconfiado de todos, reconhecendo a traição como a regra, e não a exceção? As artimanhas que começam a se revelar assim que o cliente entra sala. Noites dentro do carro, vigiando silhuetas ilícitas por trás de janelas na penumbra, recibos retirados de sacos de lixo gotejantes, uma nota de cinco dólares oferecida a um viciado de olhar fixo... a obra vil de centenas de casos, um arquivo cheio de tragédias, comédias e relatos ambíguos demais para categorizar.

Às vezes, naquelas longas noites turvas em que exagerou na dose de remedinhas ou de uísque, ou dos dois, McAnnis imagina que todos aqueles casos diferentes são na realidade um só, por mais aleatórios e desconexos que pareçam, todas peças de um quebra-cabeça que ele vai passar a vida toda montando. O que ele está investigando de fato é a si próprio, pensa McAnnis, movido pela falsa e aguçada clareza do Dexamyl.

Ele está andando de volta para a entrada da sede quando, de repente, um grito corta o ar...

×

Estamos nos anos 1970, às vésperas de um feriado, quando o detetive Adam McAnnis se junta a um velho amigo para aproveitar o fim de semana prolongado no West Heart, um clube exclusivo e tranquilo em meio à natureza. Nesse primeiro momento, você talvez não desconfie das intenções dele, mas, em um livro de mistério, nada acontece por acaso.

Entre funcionários, moradores e convidados, nosso protagonista logo percebe que esse grupo de desconhecidos não é lá muito amigável, mas nenhum detetive que se preze largaria uma missão só por causa de umas caras emburradas. No entanto, a situação se agrava quando, menos de vinte e quatro horas depois de McAnnis chegar, o corpo de um dos membros do clube é encontrado no lago. E, para ficar ainda mais dramático, uma grande tempestade está a caminho.

Em *Os pecados de West Heart*, suspeitos não faltam e todos têm algo a esconder. Com uma estrutura ousada e uma narrativa maliciosamente subversiva, diferente de tudo que já se viu, esta história é uma homenagem aos grandes nomes da ficção criminal clássica, mas também uma versão totalmente original dos quebra-cabeças do gênero. Até a última página, mais pessoas podem morrer, e resta ao leitor mergulhar fundo neste mistério irresistível, apenas à espera de ser resolvido.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/os-pecados-de-west-heart/>